

FOGO NO MATO, PERIGO DE FATO? PONDERAÇÕES COMUNITÁRIAS SOBRE O USO DO FOGO NO CERRADO MATO-GROSSENSE¹

FIRE IN THE WOODS, DANGER FOR REAL? COMMUNITY CONSIDERATIONS ABOUT USING FIRE IN THE CERRADO OF MATO GROSSO


Flavia Lopes Bertier

Universidade Federal do Mato Grosso - pncgflavia@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-5219-5477>

Regina Aparecida da Silva

Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso – rasbio@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2207-8437>

Giseli Dalla Nora

Instituto de Geografia, História e Documentação. Universidade Federal do Mato Grosso-
giseli.nota@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8890-7832>

Resumo

Este artigo pretende apresentar, baseado nas autonarrativas das/os moradores das comunidades rurais da Água Fria (Chapada dos Guimarães/MT) e São Jerônimo (Cuiabá/MT), se o uso do fogo em áreas de vegetação natural do Cerrado Mato-grossense é perigoso. Para corroborar tal questionamento, apresentamos resultados parciais da pesquisa de mestrado em educação. Nela, o Mapa Social dos saberes populares relacionados ao fogo é desenvolvido nas duas comunidades citadas, onde as/os participantes da pesquisa desvelam como empregavam e empregam o fogo em seu cotidiano. Tais relatos comprovam a dualidade do fogo – bom e ruim – e a necessidade de se aplicar saberes ancestrais consolidados de modo a não impactar o ambiente. O Mapa Social, instrumento participativo elaborado com e pelas/os participantes da pesquisa, revela as características intrínsecas de seus habitantes, hábitos e habitats, reforçando suas identidades. Baseado na exploração fenomenológica, o percurso

¹ Este artigo tem como base a pesquisa de mestrado em andamento “Mapeamento dos saberes populares relacionados ao fogo nas comunidades rurais da Água Fria (Chapada dos Guimarães/MT) e São Jerônimo (Cuiabá/MT) – impressões sobre o bem viver e as mudanças climáticas”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso – PPGE/UFMT. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP Humanidades UFMT.

investigativo percorre a trilha cultural das comunidades estudadas, evidenciando valores, crenças, memórias, necessidades e problemas ambientais. Os diálogos presentes nas atividades do Mapa Social, permeados por assuntos como incêndios florestais e queimadas, estimulam a dialogicidade e criticidade inerentes à educação ambiental.

Palavras-chave: Educação ambiental; Mapa Social; saberes populares; manejo de fogo

Abstract

This article intend to presente, based on self narratives of Água Fria (Chapada dos Guimarães/MT) and São Jerônimo (Cuiabá/MT) rural community inhabitants, if the use of fire in the Cerrado of Mato Grosso is dangerous. To strenghten these question, we presente parcial results of master degree research in Education. In the research, the Social Map of the popular knowledge related to fire takes place in the two quoted communities, where the research participants reveal how they were habituate to use and how they use the fire in daily basis. These narratives confirm the fire duality – good and bad – and the need to aply ancestral knowledge to not impact the environment. The Social Map, participant instrument made with and by the research participants, reveals the internal features of its inhabitants, their habits and habitats, reinforcing their identities. Based on fenomenological exploration, the investigative route goes through the cultural path of the studied commmunities, showing their values, beliefs, memories, necessities and environmental problems. The dialogs observed in the Social Map activities, permeated by subjects such as wildifires and burns, stimulate dialogicity and criticality inherent to environmental education.

Keywords: Environmental education; Social Map, popular knowledge, fire management.

O fogo como centelha investigativa

Desde a pré-história o *Homo sapiens* utiliza o fogo para sobreviver (BOWMAN *et al.*, 2009). Seu uso na agricultura, para a limpeza de áreas de plantações ou a rebrota das pastagens, é bastante difundido mundialmente (MISTRY, BIZERRIL, 2011). Outros usos podem ser destacados, como ferramenta cultural, por exemplo, onde é empregado em rituais; como ferramenta social, usado para a cocção de alimentos, iluminação e aquecimento de casas; e como ferramenta política, empregado para o controle econômico e social.

No Brasil, indígenas já manejavam o fogo e passaram seu conhecimento aos sertanejos (FIDELIS, PIVELLO, 2011). No cerrado mato-grossense, o hábito de utilizar o fogo tem como finalidades, entre tantas outras, a limpeza de áreas para o plantio e estimular a rebrota da vegetação para o pastejo (FIDELIS, PIVELLO, 2011; SCHMIDT *et al.*, 2016).

O manejo do fogo, portanto, não é novidade. Moradoras/es de áreas tradicionais rurais² tem essa expertise e empregam seus saberes de forma a facilitar suas atividades cotidianas. As comunidades rurais dependem do ambiente onde vivem, nele constroem sua identidade, sua cultura e sua história (SILVA & JABER-SILVA, 2015). Deste modo, cuidam de si e da natureza e repassam seus saberes para as próximas gerações a fim de preservar seu modo de viver (BRANDÃO, 1984).

O ditado popular usado no título deste artigo reflete uma preocupação com os cuidados inerentes ao emprego do fogo em áreas naturais, mas é generalista ao afirmar, sem deixar margem para contestação, que qualquer fogo que atingir área natural causa prejuízo. Tal afirmação não leva em consideração, por exemplo, que o Cerrado é um ambiente pirofítico, (FIDELIS, PIVELLO, 2011; SCHMIDT *et al.*, 2016), ou seja, um ecossistema dependente do fogo, onde este elemento não é considerado um distúrbio, mas fator imprescindível para a manutenção de seus processos ecológicos. Com diversos mecanismos de adaptação³, o bioma se mantém preservado desde que o regime natural do fogo⁴ seja respeitado.

A afirmação também não considera a existência de saberes tradicionais associados ao uso do fogo. Moradoras/es de áreas rurais tradicionais conhecem as dualidades do fogo; sabem que existe um “fogo bom” – aquele presente nas práticas culturais e agropecuárias passadas de geração em geração, e um “fogo ruim” – que cobra seu preço quando seu uso é feito sem conhecimento, de forma descuidada ou ‘fora de época’, e pode impactar o ambiente com consequências negativas para a sobrevivência de toda a comunidade.

Bachelard (2008) já dizia que, dentre todos os fenômenos, o fogo é o único capaz de conter ao mesmo tempo duas valorizações contrárias: o bem e o mal.

Ele brilha no Paraíso, abrasa no Inferno. É doçura e tortura. Cozinha e apocalipse. É prazer para a criança sentada ajuizadamente junto à lareira; castiga, no entanto, toda desobediência quando se quer brincar demasiado de perto com suas chamas. O fogo é bem-estar e respeito. É um deus tutelar e terrível, bom e mau. Pode contradizer-se, por isso é um dos princípios da explicação universal (BACHELARD, 2008, p. 11-12).

² Para Brandão (1984), a comunidade tradicional rural é aquela que legitima seu espaço através de um trabalho coletivo de socialização da natureza. Seus membros são ou se reconhecem enquanto descendentes dos fundadores locais, portanto, “herdeira de nomes, tradições, lugares socializados, direitos de posse e proveito de um território ancestral [...]”. De acordo com este autor, as comunidades não se fazem tradicionais “por meio de alguns traços folclorizáveis de sua cultura”. Elas ‘tradicionalizam-se’ como forma de defesa, “Como um modo de existir dividido entre a relação dependente com o ‘mundo de fora’ e uma protegida quase-invisibilidade”. Suas memórias registram os padrões de cultura e modos de vida próprios, criados, vividos e sofridos a partir de experiências de lutas, ameaças e resistências.

³ Dentre as adaptações, pode-se citar: presença de espessa cortiça nos troncos das árvores, desenvolvimento de órgãos subterrâneos (gemas) com função de reserva e propagação vegetativa, manutenção de mecanismos reprodutivos (indução da floração, abertura de frutos, quebra de dormência de sementes e estímulo à germinação) associados à passagem do fogo (FIDELIS, PIVELLO, 2011).

⁴ O regime natural do fogo no Cerrado inclui queimadas naturais, causadas por raios na estação chuvosa (de outubro a maio) e seus períodos de transição, quando ocorrem grandes tempestades. As chuvas contribuem para apagar estes incêndios, que costumam ser menor intensidade. Incêndios originados durante a estação seca (de junho a setembro) são chamados antropogênicos, espalham-se com facilidade por conta da vegetação seca, baixa umidade relativa do ar e altas temperaturas, alcançando maior intensidade e periculosidade. (SCHMIDT *et al.*, 2016)

Nesta seara, apresentamos como as comunidades tradicionais rurais de Água Fria (Chapada dos Guimarães/MT) e São Jerônimo (Cuiabá/MT), enxergam esta dualidade, discorrendo sobre suas práticas cotidianas que empregam o fogo. O Mapa Social (SILVA, 2011) é a metodologia escolhida para trilhar este percurso do fogo, capaz de demonstrá-lo enquanto *ser social*, além de um *ser natural* (BACHELARD, 2008, p. 15).

A metodologia *Mapa Social* busca mapear as identidades e os conflitos socioambientais vivenciados nos territórios por meio das autodenominações e das autonarrativas dos grupos sociais em condições de vulnerabilidade (SATO, SILVA, JABER-SILVA, 2014 apud SILVA, JABER-SILVA, 2015, p. 204).

Esta cartografia participativa vai além “da frieza da geografia física, temperando os territórios com a adição vital do elemento antrópico” (SATO et al., 2013). O mapeamento feito com e pelas/os participantes da pesquisa apresenta seus modos de vida, valores, crenças e rituais, necessidades, problemas socioambientais, identidades e muitos outros aspectos da vida em comunidade, e revelam características intrínsecas de seus habitantes, hábitos e habitats. Utilizando autonarrativas, as/os participantes não apenas evidenciam a localização de seu grupo, mas reforçam suas identidades, revivem suas memórias pretéritas ajustando-as ao presente (SILVA, 2011, p. 46).

Os diálogos presentes nas atividades de mapeamento social criam uma conversação multirreferencial que enriquece o mosaico de saberes e revelam as imagens do fogo que ressoam nas suas memórias e que repercutem sua forma de ver o mundo e de se enxergar nele.

As narrativas construídas nestes locais têm temperos de história, valores, fé e mitos que perfazem a etnografia de cada nação, aqui compreendida como porção de um território com paisagens naturais mescladas nas identidades dos sujeitos que ressignificam e recapitulam a filogenia à luz da ontogenia (SATO, SENRA, 2009. p. 143).

Ao externar a cultura popular, o mapeamento social figura como um percurso dialógico importante na educação ambiental, por trabalhar temas como a sustentabilidade dos ambientes em que as comunidades vivem (SILVA, 2011) a partir de práticas cotidianas de uso do fogo. Ao ampliar a audiência e a voz das comunidades, invisibilizadas no processo de ocupação do território mato-grossense, o Mapa Social posiciona-se enquanto prática pedagógica crítica e emancipadora.

Braseiro: local onde as culturas se mantem acesas e ativas

As duas comunidades escolhidas como lócus deste trabalho, Água Fria e São Jerônimo, estão localizadas dentro de um mosaico de unidades de conservação de diferentes características⁵, o que lhes conferiu, até o presente momento, certo grau de rusticidade e preservação ambiental.

⁵ Fazem parte deste mosaico de unidades de conservação a Área de Proteção Ambiental Estadual (APA) de Chapada dos Guimarães, a Estrada-Parque Cuiabá-Chapada, o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (PNCG) e a Área de Proteção

A Comunidade São Jerônimo está localizada no município de Cuiabá, Mato Grosso, distante cerca de 30 quilômetros da capital, encravada na planície logo abaixo do morro que leva seu nome. De acordo com Pedro Rocha Jucá (MATO GROSSO, 1986, p. 11), uma expedição bandeirante de 1673 passou pela localidade e, acometida por uma tempestade, os bandeirantes se apegaram a São Jerônimo para se socorrerem, dando o nome do santo ao morro-referência da paisagem local, ponto mais alto da região, denominando-o Morro São Jerônimo. Em 1718, a bandeira liderada por Antônio Pires de Campos também passa pelo local, cujo acesso para superar os paredões areníticos e alcançar a região da “Serra Acima” era mais fácil⁶. A localidade, então, se torna ponto de parada e passagem obrigatória para os viajantes que por lá transitavam em busca de ouro e metais preciosos.

A história da comunidade da Água Fria também está relacionada à exploração mineral. Localizada serra acima, tem seu desenvolvimento conectado ao de Chapada dos Guimarães, de quem foi elevada à categoria de Distrito somente em 1958. Joanito Pinto de Souza (MATO GROSSO, 1986, p. 14) conta que “sua história pode não ser tão imponente, mas é farta em fibra e valores humanos, com destaque para as origens nordestinas e para a intensa garimpagem no início do século”.

Chapada dos Guimarães teve papel importante no desenvolvimento inicial de Mato Grosso, por figurar como “zona de engenhos, rica em lavoura e produção de açúcar e aguardente, centro de numerosa escravaria” (MESQUITA, 1977). Assim como Chapada dos Guimarães, Água Fria também era povoada por indígenas, em especial os “Coroados” ou “Caiapós”. Dessa mistura entre escravos, indígenas e nordestinos resulta a população local.

De acordo com Souza (1986),

A tradição diz que a Água Fria foi fundada pelos Srs. José Gomes Ferreira, Severiano Mendes Pereira e José Gomes Pacheco. Os dois primeiros vieram do Maranhão e o terceiro da Bahia. Eles chegaram à região por volta de 1931, povoando a velha sesmaria de propriedade do Sr. Antonio Claro da Silva, mais conhecido por Totó Claro. Os diamantes da Cassununga e regiões limítrofes atraíram grande número de garimpeiros, que reviraram com pás, enxadas e picaretas o solo das margens do Riacho Água Fria (SOUZA, 1986, p. 14).

O Distrito da Água Fria está localizado a aproximadamente 30 quilômetros de Chapada dos Guimarães e 80 quilômetros de Cuiabá. É formado por um grupo de pequenas comunidades tradicionais irmanadas, centralizadas numa vila, às margens do córrego que leva o nome do local. Também tem como figura de destaque um morro, denominado Cambambe (ou Cambambi), onde foram encontradas ossadas de dinossauros.

Ambiental Municipal do Aricá-Açú (Cuiabá, MT). A comunidade São Jerônimo está localizada integralmente dentro da APA Chapada dos Guimarães e da APA Aricá-Açú. A comunidade Água Fria está localizada na APA Chapada dos Guimarães.

⁶ José de Mesquita (1977) indica que havia quatorze escadarias de acesso ao altiplano, sem mencionar os “simples desvios ou variantes sem importância”, todas elas passando pela região da comunidade São Jerônimo. Entre as mais movimentadas estão a do “Quebra-Gamela”, do “Carretão”, do “Magessi”, a da “Bocaina”, ou “Tope de Fita” e a da “Ruça”. Todas, menos a última, encontram-se tombadas pelo Patrimônio Histórico Cultural de Mato Grosso.

Há uma estreita relação entre os moradores “serra acima - serra abaixo”. De acordo com o sítio da Prefeitura de Chapada dos Guimarães na internet, boa parte dos moradores do Coxipó do Ouro, Arraial dos Freitas, Comunidade São Jerônimo e Aricá-Açú subiam a serra para fazer roça, trocar e vender mantimentos. Entretanto, Mesquita (1977) ressalta que

[...] o caboclo de serra-acima é irmão, na brasilidade, do de serra-abaixo, mas bem diferente, senão racial e politicamente, pelo menos na mentalidade, nos hábitos e na maneira de viver, que dir-se-ia, à luz da geografia humana, ser aquele um subtipo deste, bem diversificado pelas condições ambientes (MESQUITA, 1977, p. 9).

Ambas as comunidades estão inseridas no bioma Cerrado⁷, um dos maiores *hotspots*⁸ de biodiversidade do mundo. Infelizmente, o bioma sofre intensa exploração, com o avanço das áreas destinadas à agricultura (monoculturas de soja e algodão, principalmente) e pecuária nas últimas décadas (FERNANDES *et al.* 2018), causando impacto direto não só no território das comunidades estudadas, mas também na sua cultura e seu modo de viver. Enquanto a comunidade São Jerônimo padece com a especulação imobiliária e o crescimento da ocupação urbana da capital em sua direção, a Água Fria convive com a implantação do lago artificial da Usina Hidrelétrica de Manso e a expansão de grandes propriedades agropecuárias.

Na fogueira cultural, o fogo de subsistência e de existência das comunidades

A pluralidade das experiências cotidianas elencadas durante as atividades do mapeamento social apresenta-se enquanto fenômenos sociais repletos de significados e significâncias. Essa multiplicidade de narrativas e vivências reflete a complexidade da vida. Para dar conta dessa miríade de sentidos e experimentações, utilizamo-nos da fenomenologia como arcabouço epistêmico, pois ela:

[...] interpreta sentidos polissêmicos, suscitando as relações entre os humanos, não humanos, coisas e natureza, sem que nada ou ninguém perca a singularidade dos sentidos. Isso não implica que somos seres isolados, pois somos seres conjugados no tecido social que pulsa na respiração planetária. Somos janelas do mundo, espelhos do cosmos: nossos olhares sempre são constituídos de bagagens históricas, experimentações, sensações e sentimentos (SATO, 2016, p.22).

⁷ Ecossistema localizado no centro-oeste brasileiro, é marcado por relevo com planaltos antigos de topografia suave a levemente ondulada, separados por depressões formadas pelas principais bacias hidrográficas do Brasil Central. Seus solos profundos e bem drenados são pobres em nutrientes. O clima é marcado por forte sazonalidade, com estações bem definidas de seca e chuva. Este intenso estresse ambiental deu origem a um tipo de vegetação única, com a concentração de sua biomassa abaixo da superfície da terra, formando uma “floresta invertida”. Neste ambiente diverso, fauna e flora encontram-se em sintonia, resultado de processos ecológicos e coevolutivos de milhões de anos. (FERNANDES *et al.*, 2018)

⁸ Conceito criado por Norman Myers em 1988, caracterizado por níveis excepcionais de endemismo de plantas aliados a taxas notáveis de destruição de habitats, sem estabelecer critérios quantitativos. Em 1996, em conjunto com a Conservation International, foram estipulados os seguintes critérios: abrigar no mínimo 1.500 espécies de plantas vasculares endêmicas e ter 30% ou menos da sua vegetação original (extensão da cobertura do habitat histórico) mantida. O cerrado figura como hotspot desde 2005.

Foram realizadas duas oficinas de mapeamento social, uma em cada comunidade, com a duração de um dia e a participação aberta de moradoras/es locais. Os encontros aconteceram durante o final de semana (sábado) para propiciar maior participação e em local de fácil acesso, sendo realizado na Escola Estadual do Campo São José, na Água Fria, e na sede da Associação de Pequenos Produtores Rurais, no São Jerônimo. As informações obtidas nestes momentos foram complementadas com informações de entrevistas semiestruturadas realizadas com as pessoas (seis na Água Fria e seis no São Jerônimo) mais antigas das comunidades, indicadas pelas/os moradores locais.

Para facilitar os registros e a mediação dos trabalhos durante as oficinas, as/os participantes se dividiram em grupos, que dialogaram sobre os temas: uso do fogo, queimadas e incêndios florestais. Para ilustrar os apontamentos, imagens de satélite mostravam as áreas ocupadas pelas comunidades, onde as/os participantes podiam indicar onde cada saber referente ao fogo era empregado.

Um roteiro serviu como referência para os apontamentos acerca dos usos do fogo. Entre os questionamentos, indagou-se: se, como, onde, quando e por que os grupos utilizam o fogo no cotidiano. Também foram perguntados sobre práticas coletivas de uso do fogo.

As primeiras lembranças e/ou menções sobre o uso do fogo nas duas comunidades referem-se às atividades agropecuárias. Das respostas apresentadas, destacam-se as práticas para a limpeza das roças de toco e a renovação da pastagem.

Uso o fogo para, desde fazer o café, de manhã, até meio dia e a noite. Pra tudo. Usamos para limpeza, dependendo da época através da queimada. Uso para limpar. Se eu colocar fogo em toda pastagem, o animal fica sem pasto, então há uma organização, um rodízio. [...] Jogava semente na terra e germinava, tinha data certa. 'Quem planta no pó, segura o paió'. (ASSENTADO – AF, 2018)⁹

[...] a gente plantava bem perto do córrego, roçava a mata e limpava a área com enxada, foice, fogo, e plantava tudo. A roçada era em junho e queimada em agosto porque era seco mesmo quase até o último dia de queimada, 24 de agosto. [...] antigamente queimava o pasto para plantar. Mas hoje não tem mais, porque mantém limpo e porque tem gado. (AGRICULTOR - SJ, 2018)

Uso a cinza no preparo da terra, para plantar e melhorar o pasto porque tira a acidez do solo. Quando você fica três anos sem queimar, o pasto morre. Então tem que queimar. [...] também tem o facho¹⁰, que mata as 'imundiças'; e a cinza, que mata o cupim. (GARIMPEIRO - AF, 2018)

Às vezes tinha mutirão para fazer queimada, que sempre era regado a comidas e forró, iluminado com lamparinas e fogueiras. [...] Até 1982 na

⁹ As denominações foram escolhidas como referência às atividades desempenhadas pelas pessoas ao longo de suas vidas, em respeito à recomendação do Conselho de Ética em Pesquisa - CEP de manter em sigilo as identidades das/os participantes. A indicação de AF ou SJ referem-se à comunidade que a/o participante mora, sendo AF para indicar Água Fria e SJ para indicar São Jerônimo.

¹⁰ Segundo o entrevistado, facho é um galho de vegetação com fogo que é passado na copa das árvores para matar pragas e insetos

comunidade de Água Fria não tinha cerca, não tinha limite. Era um terreno só. Todo mundo cuidava junto. (MESTRE-ALUNO - AF, 2018)

As práticas antigas, portanto, indicavam o uso do fogo na agricultura tanto na abertura das roças quanto para manter as áreas limpas. Já na a pecuária, o fogo era empregado para estimular a rebrota do capim nativo, raríssimo nos dias atuais. As atividades eram realizadas entre todos os membros da família, incluindo mulheres e crianças, e às vezes com a participação de vizinhos, em sistema de mutirão, ou 'muxirum'. Neste caso, as mulheres ficavam responsáveis por preparar a alimentação da equipe no mato, além de ajudar nas demais atividades.

Sempre fui pra roça com meus pais, depois com meu marido. Ajudava a carpir, roçar, depois a gente fazia a comida no chão ou no tacuru pra todo mundo. Até meu filho, esse aí, nasceu no mato; quase não dei conta, táva sozinha. O marido chegou depois e só fez aparar. (PARTEIRA - AF, 2018)

A participação infantil acontecia para que os mais novos pudessem aprender como realizar as práticas, sendo a eles delegadas funções idênticas aos adultos, mas com menor intensidade. Na hora do uso do fogo, as crianças ficavam à beira dos aceiros munidas de galhos para ajudar a apagar qualquer faísca que insistisse em pular.

Brandão (1984) afirma que a prática pedagógica sempre existiu imersa em outras práticas sociais, como no trabalho, onde "os mais velhos *fazem e ensinam* e os mais moços *observam, repetem e aprendem*". Segundo ele, também sempre esteve presente nos rituais de celebração coletiva, onde as pessoas cantam, dançam, celebram e ensinam ritos aos mais jovens, como uma codificação da vida social, em que tais atos representam a memória, a identidade e a cultura dos diversos grupos sociais.

Outras atividades não diretamente ligadas às práticas agropecuárias também contam com o uso do fogo, como o preparo dos alimentos no fogão à lenha, nas fornalhas para o preparo da farinha de mandioca e da rapadura. Hoje, as farinheiras são escassas e o fogão à lenha foi substituído pelo de gás.

Tem fogo e fornalha na farinha; o fogo é raso e os dois usa o fogo. Só no passado tinha fogo que fazia cerâmica, assar cabeça de boi, assar leitão. Hoje já quase não faz. (AGRICULTOR - SJ, 2018)

A religiosidade tem um importante papel articulador na cultural popular local, marcada por celebrações e festas de santo, onde há presença de fogo em diversos momentos, como fogueiras, velas na procissão e nos altares, fogos de artifício, entre outras. Kawahara (2015) afirma que as pessoas, nestes encontros "reproduzem e ressignificam, pela repetição anual dos ritos, tudo aquilo que consideram valioso à construção e lembrança do que julgam essencial em suas vidas" (p. 117).

O fogo de São João não queima. Minha fé no São João me faz passar na brasa descalço e não queimar. (MESTRE-ALUNO - AF, 2018)

[...] tem o prazo certo pra queimar, fogo manso é mês de março e abril. Dia 24 de junho o fogo é um perigo, há até reza do fogo. "Se São João

soubesse que hoje era seu dia, descia do céu na terra com prazer e alegria”. São João gosta do fogo, gosta de alegria. Quando é festa de São João é foguete para todo lado, descem para o rio para lavar o rosto. Se não ver o rosto refletido no rio, noutro ano não alcança a festa. (GARIMPEIRO - AF, 2018)

A festa cultural é mais católica. As famílias católicas têm altar em casa. Quem tem acende vela à noite. A vela é simbólica. [...] As festas são assim: São Gonçalo fazia, mas não faz mais. São João, Santo Antônio. São Benedito é em setembro, eu que faço. São Sebastião é 20 de janeiro. Nossa Senhora Aparecida a Dona Rita e o Nelson que faz. (AGRICULTOR - SJ, 2018)

Assim como relata Soares (2018) ao exemplificar a diminuição e a descaracterização das festas populares em outra comunidade tradicional mato-grossense, percebe-se também nas comunidades da Água Fria e do São Jerônimo alterações na realização das festas religiosas, seja nas datas de realização dos festejos, seja na mudança no cardápio dos pratos típicos servidos, nas músicas tocadas, nos hábitos antigos.

Com o falecimento das/os devotas/os mais antigas/os, as tradições das festas acabam se perdendo, como a ausência das danças típicas regionais, a venda de grande parte das refeições, a minimização da importância da reza ao santo padroeiro e outras modificações apontadas como desarticuladoras deste momento coletivo, que muitas vezes sobrepõe o lucro ao comprometimento da promessa herdada no seio familiar. As novas gerações parecem ter perdido o vínculo com a religiosidade que movimenta os rituais festivos e a natureza local, por sua vez também prejudicada pelas ações da devastação ambiental, não mais oferece o mesmo ciclo da vida, que orientava os plantios, as colheitas e as chuvas, responsáveis pelo cultivo natural dos alimentos. Neste sentido, é perceptível que a utilização de algumas festas de santo para arrecadar dinheiro reflete as poucas alternativas de geração de renda deste povo [...] (SOARES, 2018, p. 114-115).

Outras lembranças vividas também foram relatadas durante as oficinas de mapeamento, e revelam o fogo presente nas crenças, nas práticas da saúde e até para afastar assombrações.

Aqui tem benzedeira e parteira. Usava o fogo para esquentar a água e fazia a benzeção. Ela morava perto da serra e quando precisava, ela ia na casa das pessoas. Já morreu. [...] Dona Josefa usava o fogo para esterilizar o umbigo de criança... (AGRICULTOR - SJ, 2018)

Onde tem ouro sempre aparece labareda de fogo. Dum fogo azul que fica assim do chão. Diz que é pra indicar onde está a riqueza... Eu já vi, mas não fui atrás não. [...] Uma vez o fogão azul ficou no mesmo lugar três dias e três noites. Num fui lá não. (TOPOGRAFO - SJ, 2018)

Tive um choque térmico, encaranguei, desde então faço a reza de santo no dia 20 de janeiro. Porque santo tem poder, tem que ter fé. [...] uma vez eu tava no mato acampado lá perto do Cambambi, tinha ido buscar erva pra raizada. A noitinha começou um barulho forte assim, UUUUHHHH,

UHHHHH, e aquilo foi aumentando e aumentando. Saltei logo e fui arrodear. Pus fogo em tudinho assim, em volta do barulho, assim fazendo um círculo. Depois o barulho parou, era o Troá¹¹, certeza. (GARIMPEIRO - AF, 2018)

Quando nasce a criança, a gente faz a queimada pra mãe beber. É assim: mistura cachaça com folha de laranjeira e açúcar queimado, Aí ela bebe, é forte. E também cuida do umbigo da criança: pega cinza de folha de laranja, enrola num paninho comprido e faz uma cinta na barriguinha da criança, assim não dá inflamação. (PARTEIRA - AF, 2018)

Após relatos tão detalhados e contundentes, percebemos que o uso do fogo nas comunidades estudadas distribui-se de acordo com determinadas finalidades, como a ferramenta para produção agrícola e pecuária, a alimentação, as festas e a devoção aos santos católicos, para afastar pragas e assombrações, e para cuidar da saúde. Sob a perspectiva de uma observação valorizada e crítica, identificamos duas dimensões ontológicas do fogo – de subsistência e de existência.

A dimensão da subsistência revela o fogo indispensável aos processos de manutenção da vida, às atividades relacionadas com o sustento das/os participantes da pesquisa. Entre elas estão os saberes essenciais para a sobrevivência daquelas comunidades: de como usam o fogo para produzir seu alimento e demais insumos necessários para viver com saúde.

A dimensão da existência engloba todos os demais saberes, sem os quais as culturas locais não existem em sua singularidade e sua completude.

A indicação de duas dimensões para explicar a importância do fogo no cotidiano das comunidades Água Fria e São Jerônimo não pretende, de forma alguma, compartimentalizar ou classificar os diversos usos do fogo indicados pelas/os participantes durante o mapeamento social. Tampouco pretende criar 'legendas' para inserir os saberes relacionados ao fogo em representações cartográficas futuras. Tais procedimentos não coadunam com a investigação fenomenológica aqui proposta, apenas funcionam para que possamos vislumbrar quão imperativo é o fogo na realidade vivida e experienciada por aquelas pessoas, colaborando para que se possa compreender a essência de suas identidades. Desta forma, este estudo fenomenológico mostra apenas um panorama da situação atual dos saberes relacionados ao fogo nas comunidades estudadas.

Cabe ressaltar que, após a implantação do Código Florestal¹², houve alteração na forma como o fogo é utilizado pelas comunidades. Com receio de serem autuados pela ação de fiscalização dos órgãos ambientais, as/os moradoras/es das comunidades rurais se adaptaram ao dispositivo legal e reduziram o uso tradicional do fogo. Nas oficinas de

¹¹ De acordo com a pesquisadora Maria Cristina de Aguiar Campos, professora e membro da Academia Matogrossense de Letras, os moradores de Chapada dos Guimarães relatam que existiria uma criatura mítica igual a um pássaro pré-histórico. Este ser habitava os paredões da cidade, mas ninguém nunca o viu frente a frente. "O grito da ave é medonho... uma espécie de eco, dando origem ao seu nome: Troá, do verbo troar".

¹² O antigo Código Florestal data de 1965 e já previa restrição ao uso do fogo. Como os órgãos ambientais só tiveram presença nas localidades estudadas após a década de 80, quando implantaram uma fiscalização ambiental mais efetiva, as alterações culturais dos modos de uso do fogo iniciam-se a partir deste período.

mapeamento, as/os participantes afirmam que ainda há quem faça uso do fogo para fins agropecuários, mas que elas/eles próprias/os já abandonaram a prática, substituindo-a pela mecanização ou pela contratação de mão de obra por diárias.

A Política do “Fogo Zero”¹³ implantada pelo Governo brasileiro tem-se mostrado ineficiente para o bioma Cerrado, pois longos períodos sem queimadas neste ambiente contribuem para o acúmulo de matéria orgânica em extensas áreas, intensificando as ocorrências de grandes incêndios florestais¹⁴ nas épocas secas, que atingem indiscriminadamente tanto vegetações sensíveis ao fogo como aquelas adaptadas a ele (SCHMIDT et al., 2016) e acarretam não só perda de biodiversidade, como também afetam diretamente as/os moradoras/es das comunidades rurais, que ficam suscetíveis ao acúmulo de fumaça na atmosfera, a morte de animais de cria, perda da produção agrícola, fragilização do solo, diminuição dos recursos hídricos, entre tantos outros fatores.

Não concordo com a lei do Ibama, Indea. [...] Quando criou o ‘meio ambiente’¹⁵ botou limite no fogo. Aí, diminuiu a chuva. (GARIMPEIRO - AF, 2018)

Quando veio a criação do Parque Nacional, a questão do Ibama era ausente na comunidade. Começou quando chegou os brigadistas. [...] o fogo parece que está reduzindo, o controle é importante. Houve um incidente grande em 1994, 95, 96; teve morte só de animais, teve prejuízo, houve o descontrole, num momento que estava ventando. [...] há treinamento quando os brigadistas vêm na comunidade, é importante ter um curso. (AGRICULTOR - SJ, 2018)

Apesar de a legislação não proibir totalmente o uso do fogo, a burocracia para a emissão de autorização de queima controlada é tão grande que impede sua obtenção por parte dos pequenos produtores rurais. Borges *et al.* (2016) cita que as normas brasileiras vigentes de controle do fogo não incorporam os conhecimentos locais e tradicionais. Tais medidas, junto com o êxodo rural crescente das populações do campo na atualidade, contribuem para desqualificar os sistemas agrícolas tradicionais.

Isto pode, muitas vezes, explicar a ocorrência de incêndios devastadores, já que as dificuldades e restrições na emissão de autorização para uso de fogo leva esta atividade à ilegalidade e até mesmo à perda de conhecimentos e práticas relacionadas ao fogo (BORGES *et al.*, 2016. p. 291).

¹³ A Lei Federal nº 12.651, Capítulo IX, artigo 38 (Código Florestal) proíbe o uso do fogo em áreas de vegetação natural, com algumas exceções. Dentre elas, queimas controladas são autorizadas em áreas de Cerrado, desde que autorizadas pelos órgãos ambientais e respeitadas algumas exigências, como solicitação antecipada via formulário e com anotação de responsabilidade técnica, plano de queima com descrição detalhada da área afetada e vegetação atingida, pagamento de taxa para liberação da licença, etc.

¹⁴ De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, incêndio florestal é o fogo sem controle que incide sobre qualquer forma de vegetação, podendo tanto ser provocado pelo homem (intencional ou negligência), quanto por uma causa natural. Ele difere da queimada (ou queima controlada), que é uma antiga prática agropastoril ou florestal que utiliza o fogo de forma controlada para viabilizar a agricultura ou renovar as pastagens. A queima deve ser feita apenas após autorização do órgão ambiental competente e sob determinadas condições ambientais que permitam que o fogo se mantenha confinado à área que será utilizada para a agricultura ou pecuária.

¹⁵ O entrevistado, ao citar ‘meio ambiente’ refere-se às leis ambientais e a presença das autarquias na comunidade.

Desta forma, os saberes ancestrais sobre o manejo do fogo podem ser esquecidos, contribuindo para o aumento da incidência de incêndios florestais.

Tem que saber usar o fogo pra saber fazer sombra. (MESTRE-ALUNO - AF, 2018)

Fogo grande é ruim porque queima cerca, a mata que está se formando, traz prejuízo. (GARIMPEIRO - AF, 2018)

A queimada faz o bem, o Incêndio vai acabar matando os animais, prejudicando a gente mesmo, na criação de gado, lavoura e pastagem. Voa faísca como voou pra dentro da escola, há uns 3 anos. Se a gente não tava lá, queimava tudo. (ASSENTADO - AF, 2018)

Considerações transitórias

Apresentamos, ao longo deste artigo, nas vozes das/os participantes da pesquisa de mapeamento dos saberes populares relacionados ao fogo das comunidades da Água Fria e São Jerônimo, que nem todo fogo presente no mato pode ser considerado um perigo. Se empregado corretamente, de acordo com os saberes ancestrais e respeitando-se algumas condições ambientais, como umidade do ar, temperatura amena, poucos ventos e período da queima adequado, o fogo pode ser benéfico (MISTRY; BIZERRIL, 2011). O uso dos saberes tradicionais relacionados ao fogo, aplicado às práticas de queima controlada contribuem não só para a diminuição da quantidade de biomassa em extensas áreas e a conservação da biodiversidade, mas também para a manutenção da cultura local.

Certeau (2000) nos ensina que “onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia” (p. 215). Assim, as autonarrativas das/os participantes desta pesquisa nos levam a percorrer a trilha de saberes tradicionais do fogo, indispensáveis à subsistência e existência das comunidades tradicionais estudadas, identificando, neste percurso exploratório, caminhos culturais que perpassam os hábitos relacionados ao fogo dos habitantes das comunidades São Jerônimo e Água Fria, em seus respectivos habitats. Deste modo, construímos com as/os moradoras/es, um Mapa Social dinâmico, que reflete seus valores, suas crenças, sua ética, sua cultura.

Acrescento aos depoimentos anteriores a sapiência do “Mestre-Aluno”, ilustre participante da pesquisa que, do alto de seus 78 anos, nos brinda com o seguinte relato, de que “Queimada e incêndio interferem no bem viver”, pois “o fogo também é bom, mas tudo demais sobra.” (MESTRE-ALUNO - AF, 2018).

Referências

- BOWMAN, D.M.J.S. *et al.* Fire in the Earth System. **Science**. v. 324, p. 481-484, 2009.
- CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL BRASIL. **Hotspots revisitados**. Disponível em: <https://www.conservation.org/global/brasil/publicacoes/Documents/HotspotsRevisitados.pdf>. Acesso em 10 jun. 2018.
- BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 3ª ed., 2008.
- BRANDÃO, C.R. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Disponível em <http://ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf>. Acesso em 28 jul. 2018.
- FERNANDES, G.W. *et al.* **Cerrado: em busca de soluções sustentáveis**. Rio de Janeiro: Vertente produções artísticas, 2018, 2ª edição.
- FIDELIS, A.; PIVELLO, V.R. Deve-se Usar o Fogo como Instrumento de Manejo no Cerrado e Campos Sulinos? **Revista Biodiversidade Brasileira**, Brasília, ano I, n. 2, p. 12-25, 2011.
- MATO GROSSO. **Diário Oficial do Estado de Mato Grosso - Suplemento Mensal**. Cuiabá, 1986. Ano I, n. 4, edição de 6/11/1986.
- KAWAHARA, L.S.I. **Currículos festeiros de águas e outonos: fenomenologia da educação ambiental pós-crítica**. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação. Cuiabá, 2015.
- MESQUITA, J. **A Chapada Cuiabana**. Fundação Cultural de Mato Grosso. Cuiabá, 1977.
- MISTRY, J.; BIZERRIL, M. Por Que é Importante Entender as Inter-Relações entre Pessoas, Fogo e Áreas Protegidas? **Revista Biodiversidade Brasileira**. Brasília, 2011, ano I, n. 2, p. 40-49.
- SATO, M. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo. **Revista Eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental**. Edição Especial. Porto Alegre, p. 10-27, jul. 2016.
- SATO, M.; JABER, M.; SILVA, R.; QUADROS, I.; ALVES, M.L. **Mapeando os territórios e identidades do Estado de Mato Grosso, Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.
- SATO, M.; SENRA, R.E.F. estrelas e constelações aprendizes de um grupo pesquisador, **Revista Ambiente & Educação**, v. 14, n.2, p. 139-145, 2009.
- SCHMIDT, I.B.; FONSECA, C.B.; FERREIRA, M.C.; SATO, M.N., Implementação do Programa Piloto de Manejo Integrado do Fogo em três Unidades de Conservação do Cerrado. **Revista Biodiversidade Brasileira**, Brasília, v. 6, n.2, p. 55-70, 2016.
- SILVA, R.A.; JABER-SILVA, M. O mapa social e a educação ambiental, diálogos de um mapeamento participativo no Pantanal, Mato Grosso, Brasil. **Revista da Educação Pública**. Cuiabá, v. 24, n. 55, p. 201-221, 2015.
- SILVA, R. JABER-SILVA, M. SATO, M. Mapeamento social participativo: mundos entre a pesquisa educativa e o ativismo ecológico. **Revista AmbientalMente Sustentable**. A Coruña, v. VII, n. 13-14, p. 7-23, 2012.

SILVA, R.A. Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do Estado de Mato Grosso- Brasil. 2011. 222f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2011.

SOARES, C.C.A. **Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Cavallo:** diálogos de arte, cultura e natureza. 2018. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2018.